

# O PANORAMA.

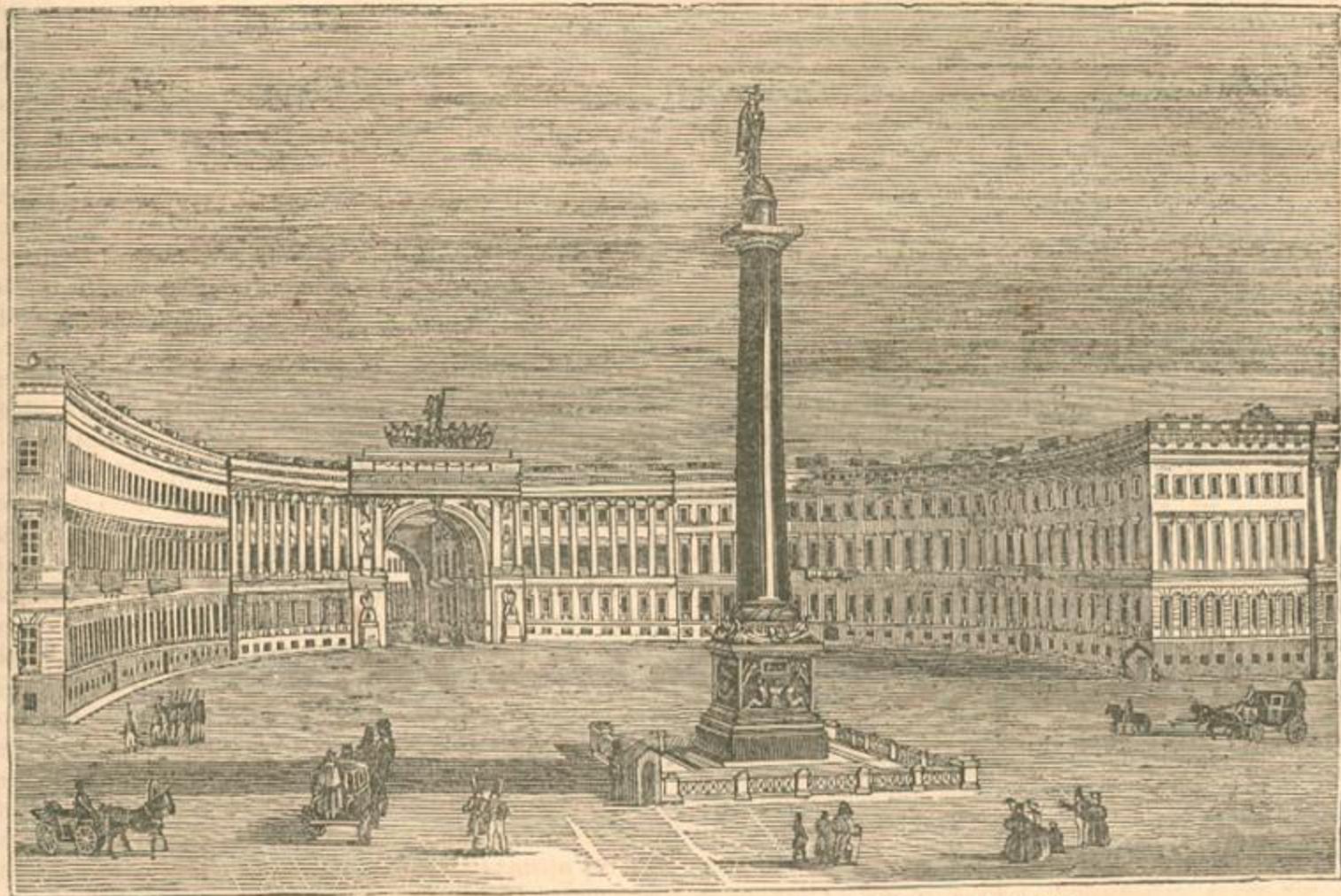
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

136)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 7, 1839)



A COLUMNA ALEXANDRINA EM S. PETERSBURGO.

QUANDO em 1825 falleceu o imperador da Russia, Alexandre, logo seu irmão e successor, o imperador Nicolau, actualmente reinante, concebeu o projecto de lhe erigir um monumento na praça do palacio de inverno, uma das principaes de S. Petersburgo. Mr. de Montferrand, francez de nação, propoz que se adoptasse para essa obra a moda antiga de columnas ou obeliscos, e indicou um enorme troço de granito, de extraordinarias dimensões, que vira em uma pedreira donde mandara extrahir as 48 columnas que adornam a igreja de Sancto Isaac. Esta pedreira é a de Pytterlaxe, situada n'uma bahia do golpho de Finlandia, entre Wiburgo e Frederichsham: tem serventia por um caminho aspero e desigual, aberto entre rochedos: fica a meia costa e distante da praia 300 pés; apresenta um aspecto bravio mas picturesque. A pedra que se arrancou para o fuste da columna tinha 144½ palmos portug. de comprido e 32½ de grossura média, e de peso 79:784 quintaes; foi cortada por tres dos lados na rôcha viva, trabalho este, notavel pela immensa paciencia com que foi feito, que empregou 600 operarios continuamente e durou quasi dous annos. Emfim, a 19 de Setembro de 1831, aquella mole de marmore foi embarcada para a transportarem: era interessante espectáculo o ver d'um lado as fragas de Pytterlaxe fustigadas pelas ondas, ao mesmo tempo que os trabalhadores, ao som da sineta d'uma capella modesta, sita no alto do monte, imploravam a benção do ceu para o bom resultado das suas fadigas.

Aos 11 de Setembro de 1834, dia de Sancto Ale-

xandre, foi inaugurada a columna Alexandrina, com estrondosa pompa, e numerosissimo concurso. Este monumento fraternal excede em elevação a quantos *monolithos* [quer dizer, d'uma só peça] se conhecem. O fuste da columna de granito, de 124 palmos de alto, descança sobre um pedestal da mesma pedra. A altura total do monumento desde o chão da praça até a parte superior da cruz é de 243 palmos craveiros. Adornam o pedestal armaduras antigas que recordam os principaes feitos d'armas dos guerreiros moscovitas. As figuras colossaes do Niemen e do Vistula, da Victoria e da Paz, da Justiça e da Clemencia, da Sabedoria e da Abundancia, estão *agrupadas* com outras armaduras pertencentes aos seculos passados. No topo da columna ha um anjo que segura a cruz com a mão esquerda e com a direita aponta para o ceu. Na face do pedestal, que diz para a banda do palacio d'inverno, lê-se a seguinte inscripção em idioma russo = *A Alexandre 1.º a Russia reconhecida.* = O pedestal, a base, o capitel, e o plintho que sustenta a estatua são recamados de bronze.

## TUMULTOS D'EVORA.

1635 — 8

HAVIA mais de meio seculo que o dominio tyrannico de Castella pesava sobre Portugal. A historia deste meio seculo nada mais é que um tecido de oppressões, violencias, e desventuras de todo o genero: as rendas do estado eram distrahidas ou para os gastos

da fastosa côrte de Philippe 4.<sup>o</sup> ou para se espedirem por mãos de validos cubiçosos e de seus apañiguados, ou finalmente para se applicarem ás despezas das guerras ruinosas que em differentes partes fazia a já vacillante monarchia hespanhola. Os nossos mancebos eram levados a morrer nessas mesmas guerras em paizes remotos, em quanto as colonias portuguezas cahiam em poder d'estranhos por falta de todo o soccorro. Os nossos dominios da Africa, da Asia e da America passavam a ter differentes senhores. Todos os navios que chegavam do oriente ou do occidente nos traziam a nova de que uma fortaleza, uma cidade, uma provincia vira arrastar pelo chão, vencido e cuberto d'opprobrio o pendão das quinas. A decadencia de Portugal era rapida, espantosa, posto que não sem gloria. Não sem gloria, dizemos, porque esse punhado de portuguezes, derramados pelas tres partes do mundo, vendiam bem caro as conquistas, feitas á ponta da espada por seus paes, ás nações, que vilmente se aproveitavam da nossa oppressão para nos roubarem, — ás nações do *Deve-c-Ha-de-Haver* — ás nações, que pisavam aos pés o crucificado para entrar no Japão, ou que, não ousando accommetter-nos sós a sós, se faziam mercenarias de barbaros, ajudando-os a guerrear-nos, como succedeu em Ormuz. Certo que não menos illustre por grandes façanhas foi a perda das nossas colonias que a sua conquista: e muitas naus inglezas e hollandezas jazem no fundo dos mares, mettidas lá pelas bombardas portuguezas, e muitos livros de Razão, Caixa, e Diario, e muitos corações refalsados de traficantes e mercadores, armados mais d'enredos que de arcabuzes e espadas, ahí desceram com ellas. Mas isso não nos salvou. Os velhos soldados da Africa e da India acabaram de se gastar e consumir, mais [como observa um viajante desse tempo] por fomes de cercos, que por armas de peleja: ficaram apenas nas praças e povoações da Asia e da Africa mulheres e creanças, e esses paizes foram senhoreados pelos inglezes e hollandezes que destemidos conquistavam . . . os sepulchros dos cavalleiros portuguezes!

Mas não era disso que nós queriamos fallar. A historia da longa agonia do dominio portuguez no oriente é formosa; porém não teve Barros e Coutos que a escrevessem, nem seremos nós que o tentemos. Era do estado do reino nessa epocha que queriamos fallar, ou antes de uma explosão produzida entre o povo pela oppressão de mais de meio seculo. Esta explosão foi a revolta d'Evora, grande aballo politico, precursor e annuncio dos successos extraordinarios de 1640.

A duqueza de Mantua, Margarida, filha de Carlos Manuel de Saboia, e neta de Philippe 2.<sup>o</sup>, fora escolhida pela corte de Castella para governar Portugal, substituindo o vice-rei D. Diogo de Castro, que pela terceira vez estava regendo este paiz no anno de 1634. A princeza chegou a Lisboa no fim deste anno, e começou a sua administração nos principios do de 1635.

Existia em Madrid um tribunal, em que se resolviam os negocios relativos á monarchia portugueza, que se chamava o Conselho de Portugal. Era secretario deste conselho supremo Diogo Soares, portuguez, que chegára a grande altura na privança do conde-duque de Olivares, primeiro ministro, valido de Philippe 4.<sup>o</sup>, e por quem toda a monarchia era regida com absoluto imperio. Soares fôra escrivão da Fazenda no reino, e alcançára o valimento do omnipotente ministro, opprimindo os seus naturaes, vendendo os cargos publicos, e fazendo em fim toda a casta de vexames e injustiças para encher os cofres

de Castella, que o miseravel Philippe, e o seu privado tão bem sabiam esgotar.

Naquelles tempos o vicerei de Portugal despachava os negocios publicos com um secretario d'estado. Quando a princeza tomou as redeas do governo, exercia esse importante cargo Philippe de Mesquita, homem dotado de boas qualidades. Este foi logo substituido por Miguel de Vasconcellos, que morreu assassinado na revolução de 1640, e que não era menos aborrecido do povo do que o fôra seu pae, o celebre jurisconsulto Pedro Barbosa. Um merito, porém, se dava nelle, que avultava mais aos olhos do conde-duque que outras quaesquer considerações; era Miguel de Vasconcellos cunhado e sogro de Diogo Soares, e como diz o nosso D. Francisco Manuel, ainda mais seu conjuncto no espirito que na affinidade. Esperanças de grandes violencias e oppressões para os portuguezes se deviam pôr em tal homem, e com effeito elle não as fez sair baldadas. A tyrannia na escolha dos seus agentes costuma ter tacto fino.

Logo que Vasconcellos tomou nas mãos as redeas do governo, do qual apenas uma van sombra pertencia á princeza, procurou desempenhar as obrigações do seu cargo já se entende não em relação aos subditos, mas sim aos dominadores. O que estes pretendiam era ouro; tirar ouro á nação empobrecida foi o primeiro cuidado do novo ministro.

Havia alguns annos que Philippe 4.<sup>o</sup> impozera aos portuguezes por decreto absoluto um *serviço* annual de 500:000 cruzados. Era isto contrario á constituição da monarchia. Aos nosos reis, desde os primeiros tempos, era vedado impor tributos sem consentimento dos povos representados por seus procuradores em côrtes. Philippe 2.<sup>o</sup>, apesar de conquistador, e de tyranno por indole e principios, jurára em Thomar manter illesas as prerogativas da nação. De todos os attentados commettidos diariamente pelo governo castelhano, claro está que este offendendo interesses materiaes e immediatos, devia ser por si só mais odioso que todos os outros junctos.

Uma especie de aparente respeito, que ainda no Conselho de Portugal se queria guardar aos antigos foros portuguezes, fez com que se expedissem ordens para que se congregasse uma juncta de varias pessoas que tinham assento em côrtes para decidirem negocio de grande importancia. Era o negocio o propor e resolver os meios de cumprir o decreto real. Congregou-se com effeito a juncta na igreja de St.<sup>o</sup> Antonio. Patenteado o caso, o primeiro que fallou foi D. Francisco de Castel-branco, conde de Sabugal e meirinho mor do reino: «Eu e todos os circumstantes — disse aquelle honrado portuguez — e os mais que foram chamados e aqui faltam, jurámos guardar os costumes de Portugal. Segundo estes a nenhum de nós é licito, senão em côrtes, votar sobre semelhantes materias. Eis o meu parecer.» — Dizendo isto levantou-se, e saiu: seguiram-no os mais, tremendo talvez do resultado; mas arrastados pelo poderoso impulso de uma acção generosa.

Esta resistencia legal parece que fez viva impressão no animo do conde-duque. Não se tornou a fallar dos novos impostos, senão quando Miguel de Vasconcellos foi elevado ao supremo mando com o titulo de secretario d'estado.

Mais do que os 500:000 cruzados annuaes que haviam sido pedidos e negados, imaginou elle, e imaginaram os que d'elle tinham feito instrumento de ruina para Portugal, se poderiam tirar por sua intervenção deste malfadado e empobrecido paiz; mas desenganaram-se por fim que inutil seria a empreza. Contentaram-se, pois, com o expediente de reduzi-

rém todos os novos tributos ao serviço ou dadiwa [!] dos 500:000 cruzados annuaes, deixando aos povos o direito de proverem no modo do pagamento, e creando uma *Junta de desempenho*, em que as dependencias do negocio se decidissem. Esta juncta estabeleceu-se, não em Lisboa, mas em Madrid: o que em verdade era um beneficio. Qualquer que se visse lesado pelos exactores, inhibido assim, pela distancia e mais difficuldades, de recorrer á junta suprema, pagaria o imposto sem se queixar, e pouparia as despesas dos requerimentos; porque ha muitos annos que a justiça não dá as orelhas de graça. Usava-se isso já no tempo da usurpação de Castella.

O povo parecia pouco inclinado a pagar a contribuição imposta: o governo paternal daquelle tempo [em todo o tempo houve governos paternaes] pensou então, que seria menos incommodo para si, e para os collectados, o mandar executar a cobrança daquelle somma pelos corregedores das comarcas. Expediram-se para isso as ordens, e as auctoridades começaram a dar-lhes cumprimento: o povo, porém, por toda a parte mais ou menos, apresentava signaes de sopportar de mau grado a nova oppressão, e de inclinar-se á resistencia e á revolta. Esta rebentou por fim na provincia do Alemtejo.

Era naquelle tempo corregedor em Evora um certo André de Moraes Sarmiento. Este homem parece ter sido propenso á violencia mais do que convinha, não só á justiça, mas tambem ao delicado da missão que lhe haviam incumbido. Tendo convocado a camara para consultar com ella os meios de levar a cabo a cobrança do novo imposto, esta lhe ponderou o perigo de uma sublevação popular. Lembrou-se então o corregedor de mandar vir perante si o juiz e o escrivão do povo, Sisenando Rodrigues e João Barradas, para com branduras ou ameaças os mover a persuadirem aquelles, cujos representantes eram, a obedecerem aos mandados de Castella.

A convocação daquelles homens, porém, teve um resultado, contrario ao que o corregedor esperava. Apenas a noticia desse chamamento se espalhou entre o vulgo, grande numero de pessoas se começou a ajunctar, e seguiram os dous até a porta do ministro.

Este tendo-os encerrado no proprio aposento, procurava mover-lhes o animo a seguirem o seu parecer pelo que tocava á cobrança dos impostos; mas João Barradas representou que nada poderiam elles fazer naquelle negocio sem consultarem o povo, que era quem pagava. Recusou o corregedor deferir a tão justa petição, exigindo formalmente que resolvessem por si o que sobre a materia se lhes propunha. Então irritados os dous populares negaram claramente o seu assentimento a tudo o que houvesse de servir de gravame aos seus representados.

Esta resolução energica accendeu sobremodo a colera do corregedor, já muito indignado com a falta de uma obediencia cega e muda. «Soltou [diz o citado Francisco Manuel, que vamos seguindo] palavras de grave injuria contra todo o povo d'Evora, e fez demonstrações de que queria enforcar, como o havia jurado, aos dous que tinha presentes, para cujo effeito, de secreto affirmam que metteram em «sua casa o algoz, e outros officiaes de justiça, percentes á execução do supplicio.»

Posto que a sua situação fosse terrivel, os dous condemnados, ou por valor, ou por desesperação, não perderam o accordo. Sesinando, o juiz do povo, mais deliberado que o seu companheiro, correu a uma janella da casa, que felizmente dava para a praça, onde a multidão estava juncta, e gritou: «Sabei que vamos morrer por vos querer livrar do

trabalho que vos queriam dar os ministros d'el-rei!»

«Morra o corregedor:» Viva o juiz do povo! — vozeou toda aquella turba, como se os gritos de Sisenando tivessem sido uma chamma electrica, que por elles passasse subitamente. As obras acompanharam as palavras: em um instante as portas da casa, estouradas, deram accesso á multidão enfurecida: os dous desgraçados foram soltos, e da casa, logo incendiada, brevemente nada restava senão um montão de ruinas.

Sarmiento, salvo muito a custo por alguns frades e fidalgos que ahi se achavam, saiu da cidade disfarçado em franciscano. Partiu para a côrte, onde ninguém, como era de esperar, lhe louvou o que fizera . . . porque saiu mal da empreza.

Entretanto, em Evora, a indignação popular não parára no primeiro impeto. O ouro, prata, e ricas alfaias, que tiraram, cartorios da fazenda publica, registos dos direitos reaes, tudo veio á praça, e ahi foi queimado, sem que houvesse entre a gentalha quem tirasse a menor joia, a menor moeda para seu proveito particular. Quebraram as balanças em que se cobrava um novo imposto sobre a carne, abriram a cadeia, e finalmente puzeram-se em estado de completa revolta.

Os fidalgos da cidade, durante o primeiro movimento, ficaram como meros espectadores da lucta, mas vendo progredir o tumulto, uniram-se em uma especie de juncta na igreja de St.<sup>o</sup> Antão, presididos pelo arcebispo D. João Coutinho. Ahi deliberaram enviar a dizer ao povo que se aquietasse, deixando á camara o cuidado de prover naquelle negocio; que elles pela sua parte promettiam interceder com elrei para que perdoasse aos amotinados.

Posto que raro, nem sempre palavras servem de embeleco ao povo. Este lhes respondeu que ou se ajunctassem áquelles a quem offereciam protecção, ou dissolvessem a juncta que tinham formado, aliás procederiam contra elles como inimigos do bem publico.

A resposta era terminante: antes de tomarem uma resolução a noite chegou com todos os seus terrores, e os membros da juncta se recolheram receosos a suas casas. As trevas deram ousadia á gentalha: um tropel della correu a apedrejar as janellas do palacio do arcebispo, em quanto outra porção accommettia a casa do conde do Basto D. Diogo de Castro, que fôra vice-rei de Portugal, e em verdade um dos menos maus entre os que tinham governado este paiz. Salvou-se o velho conde, correndo desarmado ao encontro dos furiosos, e dizendo-lhes; «Povo d'Evora, «que me quereis? Sou vosso natural. Tres vezes go-vernei este reino, sem vos fazer agravo. Aqui me «tendes; e se para vossa quietação serve a minha «morte, matae-me, e socegae-vos. Se quizerdes pou- «par-me a vida para vos ajudar ao remedio que vos «convem, obrae como quizerdes. Mas não vos es- «queçaes de que sois portuguezes, onde nunca hou- «ve mancha de deslealdade.» Se este discurso, sem duvida eloquente, é genuino, muita segurança de consciencia sem remorsos lhe era necessaria, para assim se assentar tranquillo á borda do volcão popular. Seja como for, os amotinados nada ousaram contra D. Diogo, e retiraram-se. Aos outros ninguém procurou fazer mal, ou porque estes se entendiam com o povo, ou porque o povo fazia delles pouco cabedal.

E os frades d'Evora? — perguntará o leitor — estavam em seus conventos deprecando ao ceu com lagrymas e orações que pozesse termo aos males publicos? Nada disso. Os dominicanos e jesuitas seguiam a bandeira popular, as outras ordens a do governo,

ou antes a dos fidalgos. O cabido estava dividido em opiniões, e assim o resto do clero secular.

Um dos factos mais curiosos deste drama terrível, foi que chegada a Lisboa a noticia do successo, a princeza Margarida, ou antes o seu ministro, ordenou ás auctoridades competentes que sindicassem do caso e fizessem castigar os culpados pelos meios ordinarios. O gigante popular tinha-se posto em pé, e Vasconcellos pensava que elle se deitaria outra vez no seu pó á simples voz d'um alguazil!

Em tanto os sediciosos tinham dado á revolta certa organização. Essa organização, porém, incompleta, ruínosa em si mesma, apparecia com o caracter que nas suas obras politicas imprime sempre o povo. Riso e choro; crueldade e generosidade; nobreza e vileza, tudo se mistura nellas, confusa e inextricavelmente. Nos mais solemnes trances do agitar das multidões ha sempre um lado ridiculo: ha sempre alguma cousa truanesca, epigrammatica, por entre os actos do furor da plebe. Em Evora não fahou a regra. Houvera, poucos annos antes, naquella cidade, uma especie de bobo publico, acceitissimo á gentilha, que elle divertia com seus dictos e visagens: chamava-se este homem Manuel, e por uma antithese popular o *Manuelinho*, em consequencia de ser pessoa de notavel corpulencia. Era em nome deste individuo que os concelhos, ajunctamentos populares, ou *clubs* como hoje lhes chamariam, publicavam as suas resoluções. Este nome era a unidade, o centro, o talisman da revolta. Bandos, decretos, provisões, editaes eram sobrescriptos por *Manuelinho*. Manuelinho d'Evora escrevia cartas ás diversas camaras do reino; demittia funcionarios publicos, provia outros; e estes despachos e demissões tinham tanto vigor como uma provisão real. Se uma sentença de desterro contra qualquer cidadão de quem a plebe se arrecesse, apparecia com aquella fatal assignatura, cumpria fosse promptamente obedecida; porque a desobediencia trazia logo o castigo que era morte do recalcitrante, e incendio da casa em que habitava. O governo, porém, daquelle nome estendia-se tão somente aos altos negocios politicos da revoltosa republica: os da administração municipal estavam como dantes a cargo da camara da cidade.

O alevantamento não parou em Evora. Tanto que a noticia delle se espalhou pelo Alemtejo, a maior parte das povoações seguiram o mesmo exemplo. Em Villa-viçosa chegou o povo a acclamar o duque de Bragança, rei de Portugal; mas por intervenção do proprio duque que mandou levar seu filho D. Theodosio por meio dos amotinados, foram suffocados taes gritos. Se D. João 4.<sup>o</sup> ambicionava a corôa não o sabemos nós: o que sabemos é que não queria correr os riscos de conquista-la. Elle o provou exuberantemente tanto nesta revolta popular, como na revolução aristocratica de 1640.

O governo de Lisboa começava a sentir serios receios de uma revolta que achava echos por tanta parte. Escreveu a princesa para Madrid, representando o caso com as cores menos feias que podia, mas pedindo prompto remedio. Ao mesmo tempo a junta dos fidalgos d'Evora, que passado aquelle primeiro impeto contra o arcebispo e o conde do Busto, tinha continuado a reunir-se ia dando parte das occorrencias ao conde-duque, receosa, todavia, de ser olhada como participante da sedição.

A primeira providencia que a regente e o seu ministro julgaram conveniente dar, foi enviar a Evora um novo corregedor, chamado Jeronymo Ribeiro, homem pacifico, e que annos antes alli servira aquelle cargo. O povo o recebeu sem contradicção; porque estava certo que elle nada ousaria intentar con-

tra quem o podia privar da auctoridade e até da vida, quando assim lhe approvesse. Mandaram depois um frade dominicano, prégador affamado, que arengasse ao povo e o convertesse á sugeição; mas a virtude deste remedio fahou. Riram-se os levantados do frade e dos sermões, e elle voltou a Lisboa corrido, deixando tudo no mesmo estado. Finalmente escolheram um fidalgo, Fernão Martins Freire, homem acceito aos d'Evora, para os reduzir á concordia. Partiu este para aquella cidade, onde se acendeu logo a guerra entre elle e a junta dos fidalgos, de modo que esta providencia não serviu senão de protrahir a desordem, fazendo crescer as desconfianças da plebe, a quem Fernão Martins dava a entender que os seus emulos trahiam a causa popular, e estes a induziam a crer delle o mesmo: e nisto, segundo as memorias daquelle tempo, parece que tanto o enviado do governo, como a junta fallavam a pura verdade.

Perdidas todas as esperanças de aquietar os sublevados por via da brandura, tanto o governo de Madrid como o de Lisboa pensaram em recorrer á força. Mas recrescia uma pequena difficuldade — e era não haver no reino essa força. Todas as tropas de que se podia dispor eram outocentos homens d'infanteria. Não existia em Portugal um soldado de cavallaria. Fazer novas levas de soldados era não só demorado, mas perigoso, porque essas levas deviam ser tiradas do reino, em todos os angulos do qual a revolta d'Evora achava sympathia, tanto, que já áquem do Tejo algumas povoações começavam de agitar-se. Não havia outro remedio senão fazer marchar para Portugal essas poucas tropas hespanholas que defendiam as fronteiras de Biscaya contra os francezes, e que, sendo então principio do inverno eram ahí escusadas, porque naquelle seculo as campanhas cessavam durante a estação invernos.

Antes, porém, que se tomasse este expediente, o conde-duque mandou outro frade dominicano a Evora: houve propostas, difficuldades, novas propostas, concessões dos populares, intrigas da junta dos fidalgos, má fé na maior parte, erros em todos, emfim houve o que costuma haver nos grandes negocios politicos, e no cabo o frade saiu d'Evora malquisto com o povo e com os nobres, a juncta continuou a enganar o conde-duque, e os sublevados, e estes proseguiram no seu estado de revolta.

O duque de Bragança prevendo que uma revolução que partira da plebe, sem cabeças que a regessem, começada em uma cidade da provincia, não seguida na capital, sem nenhuns meios de defeza, devia vir a concluir-se desgraçadamente, procurava por todos os meios justificar-se com a córte de Madrid: mas o válido mal acreditava as suas cartas, e as protestações dos seus procuradores. Era principal instrumento destas suspeitas Diogo Soares, de quem fizemos menção, o qual tanto odio tinha votado á casa de Bragança, que uma vez disse publicamente em certo ajunctamento: «que em Portugal não haveria socego em quanto não crescessem malvas pelas escadas e pateos do paço de Villa-viçosa.» Todavia nada por então se intentou contra o duque, que d'ahi a tres annos devia ser rei de Portugal.

A revolução tinha neste meio tempo chegado ao seu auge, e mal organizada, por si propria começava a dissolver-se: os operarios, cansados daquella vida tumultuosa, desejavam tornar ao exercicio pacifico dos seus antigos misteres. Os mais conspicuos procuravam, é verdade, conservar inteiros os animos, quando os seus proprios já andavam occupados de temores. Todavia uma revolta não pára nunca: ou progride, ou retrocede, A d'Evora já se encaminha-

va á sua ruina, quando no Algarve começavam apenas a apparecer symptomas de movimentos, porventura mais bem combinados, mas que não chegaram a effeito.

Emtanto o exercito castelhano atravessava a Hespanha, e prolongava-se pela fronteira, do Alemtejo e do Algarve. Constava a força destinada contra aquella provincia de obra de tres mil homens, e a que devia entrar no Algarve de mais de seis mil. Antes de empregar activamente estas tropas o conde-duque teve a politica de fazer um ajuntamento da principal fidalguia portugueza que se achava em Madrid, propondo-lhe que tractassem elles de pôr

termo áquelle negocio, antes de ser concluido pelas armas, já se sabe pagando o povo as sommas que lhe pediam, e entendendo-se elles em tudo com o duque de Bragança, que o valido mais temia, e cuja benevolencia queria captar, ao mesmo passo que o affastava do amor das turbas.

Os fidalgos agradeceram isto como uma mercê. Entabularam-se negociações, e as cousas pareciam encaminhar-se a uma conclusão pacifica e suave, quando as intrigas da côrte vieram perturbar tudo, e aggravar os males publicos, como veremos na segunda parte deste artigo. —

(A. H.)



SCHILLER.

A PROPENSÃO de Schiller para composições theatraes, como de ordinario acontece a todas as vocações vehementes e deliberadas, revelou-se logo nos primeiros annos d'este poeta, que a Allemanha põe a par das mais celebres reputações dramaticas dos outros povos; e para em tudo igualar com a maioria dos homens notaveis na carreira das lettras ou das artes, Schiller teve que vencer muitos obstaculos primeiro que podesse livremente seguir as inspirações do seu genio. Nasceu aos 10 de Novembro de 1759 em Marbach, no Wurtemberg, em obscura condição: até quasi os vinte annos d'idade, governado mais por alheias vontades do que levado pela propria inclinação, dedicou-se alternadamente a diversas profissões; nenhum porem dos estudos que estas requeriam conformava com a sua organização: aprendendo ora a theologia, ora a arte militar, agora a jurisprudencia, logo a medicina, a despeito destas varias appli-

cações obedecia sempre ao seu instincto, e o poeta ia-se creando. Quando apenas contava nove annos, tinha assistido a uma representação scenica, e o espectáculo produziu naquella alma noviça effeito tão extraordinario, que desde então todos os seus pensamentos se encaminharam ás composições dramaticas; tinha só dez annos e já delineava dramas e esboçava scenas: nas horas do vagar, durante a vida escholastica, repassava-se da lição de Homero, de Virgilio, do religioso Klopstock e da sagrada Biblia. A poesia sublime e grandiosa, suave e melancolica, os sentimentos elevados, em que abundam aquelles livros, casavam perfeitissimamente com as naturaes disposições do mancebo allemão, que de dia para dia se firmava nas suas inclinações; e quanto mais se entregava á imaginação tanto mais se lhe desenvolvia o talento. Schiller impacientava-se com os tropeços que lhe suscitava a vontade alheia, e cada vez mais

creava odio á sociedade. No meio desta luta violenta, influido por sentimentos de colera, de desgosto e de amargura, concebeu e executou a sua primeira obra dramatica, *os Salteadores*, composição, na qual a sociedade entra em paralelo com uma caverna de bandoleiros e a sociedade fica vencida. Com tão singular ensaio o auctor tomou posse do theatro allemão: o acolhimento feito ao drama foi prodigioso e causou tal impressão que muitos mancebos desertaram para as florestas e serranias a fim de seguirem, a exemplo do capitão dos *salteadores*, Carlos Moor, a vida de reparadores de injustiças, espoliando ricos para dar a pobres, e espancando fortes para vingar e consolar opprimidos. O Carlos Moor de Schiller pode ser considerado como o typo, o pai de todos os bandoleiros virtuosos de que ha muitos annos andam inçadas as obras litterarias.

A vida de Schiller, como em geral a de todos homens dotados de actividade puramente intellectual, é pouco fertil em acontecimentos. Considerado em seus habitos sociaes e em suas obras, Schiller conservou sempre a marca dos primeiros vinte annos de sua vida; e se o commercio com os homens lhe modificou o character, se o estudo lhe apurou o talento, as qualidades primitivas do seu genio, que o habito e as circumstancias tinham fortalecido, não se alteraram, posto que abrandassem um tanto: todavia a sua posição social tinha gradualmente mudado. Postoque abandonára, como fugitivo, os estados do seu soberano, o duque de Wurtemberg, porque este principe assustado com o ensaio do poeta, pertendêra reprimir-lhe a liberdade de escrever, não lhe faltaram por isso as protecções: os duques de Weimar e d'Holstein, os reis de Prussia e de Dinamarca lhe prodigalisaram favores: os homens principaes d'Allemanha o tractavam benevolamente, e os escriptores mais insignes do tempo, com especialidade Goethe (\*), lhe offereciam a sua amizade e estimação, ao passo que o publico lhe applaudia as obras com admiração e enthusiasmo.

Ainda que Schiller campeasse principalmente nas composições dramaticas, e *os Salteadores*, a *Conjuração de Fiesque*, *Dom Carlos*, *Wallenstein*, *Joanna d'Arc*, *Maria Stuart*, *Guilherme Tell* fossem os seus principaes titulos de celebridade e gloria, muitas obras de diversa natureza davam mostra da extensão e variedade dos seus talentos. Historiador, escriptor de novellas, redactor de papeis periodicos, philosopho, auctor de poesias soltas, de satiras, de ballatas, de cançonetas, e em fim traductor, imprimiu successivamente a *Historia da separação dos Paizes-baixos* e a *da Guerra dos trinta annos*, que são com muita justiça apreciadas; o *Visionario*, romance mediocre; pequenas poesias, e artigos de critica ambicionados por todas as *Revistas*; dissertações e cartas philosophicas, que os proprios allemães julgaram demasiado subtis e mui pouco exactas; epigrammas que os apaixonados do auctor nunca desejariam vêr impressos; poematos a que alguns criticos chamam as obras primas deste engenho; e traducções de Virgilio e de algumas obras estrangeiras. Nem todas estas composições eram igualmente dignas da penna de Schiller; não obstante isso, quanto mais publicava, tanto mais crescia a sua reputação; e gozava d'immensa popularidade na Allemanha quando morreu, em Weimar, d'uma febre maligna aos 48 annos d'idade.

Schiller era muito dado á melancolia e á meditação, mettido porem em conversação activa, ganhava muita vivacidade: gostava da companhia da gente moça, que parecia suavisar o seu character pensa-

tivo e tristonho: ás vezes, cercado d'estudantes, discorria largas horas com estro, facilidade, e complacencia admiraveis. Dotado d'uma sensibilidade, que parecia molestia, d'imaginação exaltada e de sentimentos sublimes, vivendo n'um mundo ideal e heroico, Schiller não parecia creado para a vida real e positiva; a convivencia com este homem singular tinha muitos attractivos, mas era recheada de borrascas, de desigualdades, de contrastes, d'extravagancias. O seu talento dramatico era o exacto resultado da sua organização essencialmente poetica; e talvez que nenhum litterato patenteasse tanto, como elle, o seu character nas suas obras: Mad.<sup>mo</sup> de Stael disse: *A sua consciencia, a sua musa, os seus escriptos são elle*. Portanto, nas composições de Schiller necessariamente se hão-de encontrar daquellas imperfeições e defeitos, a que não perdoa o critico que mede tudo pela bitola das regras carunchosas; mas essas mesmas imperfeições enlevam e captivam o leitor, que sente e não julga, ou que pelo menos modera a sua opinião pelas impressões que experimenta.

#### VALOR E PRESENÇA D'ESPIRITO D'UMA IRLANDEZA.

Em 1832 e 1833 eram espantosas as sedições e as desordens na Irlanda: crimes horrendos, como assassinios, roubos, incendios, empeoravam o mal; e o governo inglez teve de pedir auctorisação extraordinaria ao parlamento para restabelecer o imperio das leis e a tranquillidade. Entre os delictos apontados por esta occasião ha um notavel, não só pela atrocidade, como por dar logar a desenvolver-se o animo assombroso d'uma mulher. Certo individuo do condado de Clare tinha denunciado á justiça um malfetor, e posto que contasse com a vingança dos parciaes deste não pôde resistir ao desejo de voltar á terra a ver sua mulher e seu filho. Dahi a dias um bando lhe assaltou a casa, arrombando a porta, e o matou a golpes de forcado, á vista da mulher e de uma creança de nove annos. Emquanto o marido ainda luctava, a mãe tomou o pequeno, e, escondendo-o ao canto da lareira, lhe disse com presença de espirito quasi incrível — “Ouves os clamores de teu pae moribundo?... Em breve me farão o mesmo: mas hei-de resistir quanto poder, e espalharei o brazido pelo chão, para que tenhas tempo e claridade para conheceres por suas feições os matadores; depois procura e indica esses malvados, e vinga a cruel morte de teus paes.” — A infeliz previu a sua infausta sorte: os monstros, depois d'alguns minutos de lucta, a immolaram sobre o ensanguentado cadaver do marido. Mas a creança seguiu pontualmente as ultimas ordens de sua mãe, observou as caras dos assassinos, pôde depois conhece-los bem, e pelo seu testemunho, corroborado com outras provas, cinco dos infames que commetteram tão barbaras mortes, foram descobertos e enforcados um mez depois de perpetrado o crime.

#### O CIUME.

O CIUME é a dor que o homem sente quando julga que não é igualmente amado pela pessoa que estima. Esta definição tem certo gráu de exactidão; mas o ciume que nasce do amor não é a unica pena deste genero que atormenta o homem. Ha uma paixão, que só differe da inveja em proceder quasi sempre do sentimento de que os outros possuam cousas que, até ás vezes, não desejamos para nós.

O ciume que não provém do amor é um compos-

(\*) Vide pag. 321 do Vol. III, do Panorama.

to de inveja e ambição. As pessoas achacadas deste mal inquietam-as qualquer preferencia que se dê a outrem, desejando ardentemente a posse desse bem. O amante cioso suspira por ser o emprego unico das affeições da sua amada; porem o homem invejoso nada menos ambiciona que o goso de todos os bens do mundo. O amante cioso quereria que a sua amada tivesse só para elle o riso nos labios; mas o invejoso rala-se e soffre cruéis agonias quando vê que a fortuna se ri para alguém, e lhe estende o braço protector. Uma promoção no exercito o afflige profundamente ainda que não seja militar; e a condecoração dada pelo soberano a qualquer individuo, é objecto que lhe affugenta o somno; não porque a desejasse para si, mas pela inveja de não ter o merito que elevou o outro a semelhante honra.

A mesquinha inveja expõe o infeliz, que por ella se deixa dominar, a cruéis agonias. E teria o invejoso taes soffrimentos se, mediante seria reflexão, entrasse no conhecimento dos seus deveres para com Deus e o proximo? Esta paixão é um verdadeiro frenesi que condemna a sua victima a continua e impotente agitação, fazendo com que tenha rancor aos seus semelhantes, e despreze talentos, que a não serem combatidos pela inveja, brilhariam no mundo utilmente.

O emblema do ciúme é a figura de uma mulher com apparencia de inquietação, e ar de quem escuta. As suas roupas são da cor das ondas do mar: tem na mão direita um ramo de espinhos, e na esquerda um galo. Mantem-se na attitude do desasosiego e curiosidade, e a cor dos vestidos indica a perturbação da alma. O ramo de espinhos denota que os tormentos do ciúme são acerbos e agudos, e o galo é o symbolo da suspeita e vigilancia.

#### ANECDOTA DE ROSSINI.

JOAQUIM Rossini, bem conhecido compositor de musica, nasceu em Pesaro em Fevereiro de 1792, dous mezes e meio depois da morte de Mozart o afamado compositor allemão (\*). Rossini, sendo tão insignes as suas composições, tem summa facilidade em compor, sem lhe importar hora, nem lugar, e sem haver cousa que o perturbe ou incomode.

Uma das suas arias mais populares foi por muito tempo designada em Veneza pelo nome de *aria dei rizzi*, aria do arroz, em memoria da espantosa promptidão com que foi escripta. A peça primitivamente escripta para a entrada de Tancredo na opera deste nome desagradou á caprichosa Malanotti, que esperou exactamente pela vespera da primeira récita para exigir outra cavatina. Ora é preciso saber que na Lombardia todos os jantares começam invariavelmente por um prato d'arroz; é uma iguaria que se aprompta em quatro minutos, e o cosinheiro, poucos instantes antes de se pôr a meza, tem sempre o cuidado de perguntar se é tempo de pôr já o arroz ao lume. Rossini entrava em casa desesperado, dando ao demo as exigencias de Tancredo, quando lhe fizeram esta questão culinaria: poz-se portanto o arroz ao lume, porem antes que se cozesse, a tão applaudida aria *Di tanti palpiti* foi composta.

*Só uma pequena mudança.* — O governador d'Amiens, M. S.<sup>t</sup> Preuil, lembrou-se d'um estratagemma, mediante o qual julgava que se poderia apossar da praça d'Arras, ponto essencial para invadir Flandres: querendo-o pôr em execução, chamou um sol-

gado audacissimo, por nome Courcelles, e disse-lhe. — “ Escolhi-te, como o soldado mais habil e intrepido que conheço, para te confiar uma empreza, que, se a desempenhares, fará a tua fortuna. O negocio é tomar por surpresa a praça de Arras, e eu te digo o plano. Cumpre que vistas o trajo de camponez, e vás á praça vender fructa; ao cabo de alguns dias deste disfarce armarás pendencia com algum da cidade e o coserás a facadas, e consentirás que te prendam; sabido é que no mesmo dia te hão de processar e condemnar á morte, e tambem é costume constante justicar os réos fóra da cidade: ora exactamente nesta circumstancia se estriba todo o meu projecto. Porei gente emboscada juncto á porta por onde saem os padecentes, e assim que te virem ao pé da forza sairão correndo a libertar-te, emquanto eu com outro corpo de tropas tomo posse da praça. Eis-aqui o plano... que te parece?” — “ Muito bom [respondeu o soldado] mas o caso carece meditado.” — “ De certo [retrucou o general], pensa-o bem esta noite, e amanhaã dá-me a resposta.” — Courcelles no dia seguinte foi-se ao quartel de S.<sup>t</sup> Preuil, que o acolheu perguntando. — “ Então, valente camarada, que pensas agora do meu plano?... ” “ Meu general, [respondeu o soldado] o plano é admiravel; e seria pena malograr-se por algum erro, ou falta da minha parte; pelo que proponho só *uma pequena mudança*. O mais seguro será dar-me o commando da emboscada, e ir V. Ex.<sup>a</sup> vender a fructa á praça.

*O phosphoro solar.* — Limpa bem cascas d'ostras lavando-as, expõe-as a fogo vivo meia hora; separa a porção mais pura, e mette-a n'um cadinho [ou n'um vaso de flores, que serve para o intento] alternadamente com enxofre, até ficar quasi cheio: põe o vaso a fogo tambem intenso por uma hora ao menos; parte a massa, quando estiver fria, e guarda para usares as porções mais alvas. Mettida esta massa n'uma garrafa dá na escuridão claridade tal que se podem ver as horas n'um relógio d'algiibeira. — *The Mechanic and Chemist.*

#### THEOREMAS DE PLATÃO SOBRE A RHETORICA E ARTE SOPHISTICA.

O ASSUMPTO da rhetorica não é toda a casta de oração, mas tão sómente a de que se faz uso nas reuniões de cidadãos onde se tractam cousas justas ou injustas.

O fim da rhetorica é persuadir e ensinar as regras da persuasão, propriamente ditas.

O bom orador deve esforçar-se por fazer virtuosos os cidadãos que abraçaram o vicio; trabalhando quanto for possivel para que dure a auctoridade das sanctas regras que fulminam o vicio e são o verdadeiro e estavel apoio das republicas.

A erudição, piedade, justiça, e probidade não são dons hereditarios que passem de paes a filhos: a experiencia nos mostra frequentemente que os filhos de heróes são quasi sempre individuos despreziveis.

É cousa summamente ridicula e de pedantes, andar em pesquisa de palavras antiquadas e pouco conhecidas para nos expressar-mos.

O principal fim da sabedoria é refrear as paixões para que não perturbem o dominio da razão. A virtude é uma só, posto que assuma diversas fórmãs, entre as quaes tem a sapiencia o primeiro lugar.

A vergonha e a justiça são os vinculos mais fortes da sociedade humana.

(\*) Vide pag. 294 do Vol. II. do Panorama.

Os homens devem instruir-se para attenderem depois á educação de seus filhos.

A educação da mocidade é objecto de grande ponderação, e sem ella mal poderão ir os negocios publicos e particulares.

A eschola de bons mestres é o primeiro passo para a educação.

O bom mestre deve investigar attentamente o talento dos discipulos, mostrando-lhes os erros para que se corrijam.

Outra qualidade essencial n'um bom mestre, é que a sua vida corresponda ás suas palavras: e que assim como falla frequentemente em virtude, assim viva conforme as regras que ella estabelece.

Tambem ha-de exigir-se do bom mestre que ensine com ordem e methodo os seus discipulos.

A idade do mestre não deve entrar em conta; só nos cumpre examinar se possui as qualidades que a cima indicámos.

A fortaleza não é um soffrimento louco ou insensível, mas um soffrimento prudente e razoavel.

Os castigos são o remedio mais efficaz contra os crimes; e estão no caso da medicina a respeito das enfermidades do corpo. O castigo é portanto salutar; e baseado na lei, é a pedra angular das sociedades humanas.—*Extrahidos do Gorgias e Protagoras.*

*O historiador Hume e o Credo.*—Hume, celebre escriptor inglez, tinha publicado algumas opiniões heterodoxas, pelo que os litteratos o reputavam deista, e os ignorantes atheu. Succedeu que ao passar por uma ponte provisoria sobre um sitio pantanoso, que divide a cidade nova da cidade velha, em Edimburgo, o taboão deu de si com o peso do corpo, e Hume caíu no lodo. Não podendo tirar-se do atoleiro gritou com toda a força para que lhe valessem, e uma mulher que o ouviu, acudiu para ajudá-lo, mas tanto que reconheceu Hume, desvaneceu-se-lhe a compaixão. E de saber que a Escocia é o paiz mais religionario do mundo, e por isso os escocizes são por antonomasia denominados puritanos. Debalde supplicou Hume á mulher que o soccorresse; esta se recusou dizendo—“*Não permitta Deus que eu salve um atheu.*” “*V. m.<sup>co</sup> está enganada [exclamou o misero atolado] eu não sou atheu.*” — “*Pois bem [replicou a mulher] se o não é, dê-me uma prova disso resando o credo; e, se o não poder resar, ahí o deixarei morrer como um perro infiel.*” Não descobrindo o pobre philosopho outra pessoa, em tão dura alternativa, poz-se a resar o credo em alta voz, e com a maior attenção para não errar palavra, e quando chegou ao *Amen*, a boa mulher o ajudou a sair do lodagal, e ambos se foram mui contentes cada um por seu caminho: a mulher saltando d'alegria por ter obrigado a resar o credo um infiel, segundo ella pensava; e o philosopho incredulo convencido da necessidade de aprender de cór, ao menos, o credo da religião dominante no paiz.

*Noticia de mais um piloto portuguez do cahique—*

*Bom-successo — que levou ao Brasil a participação da restauração do Algarve, depois da invasão franceza.*

EM additamento ao que se acha escripto em o N.º 126 deste jornal a pag. 310, e em obsequio á verdade vamos referir um facto, que ultimamente nos foi transmittido.

O cahique = Bom-successo = que sahiu d'Olhão para o Rio de Janeiro, a participar á corte portugue-

za a plausivel nova de estar liberto o Algarve do jugo de Napoleão, foi governado até a Ilha da Madeira pelo mestre Manuel Martins Garrocho, e pelo piloto Manuel d'Oliveira Nobre: porem daquella ilha até ao Brasil quem deu rumo ao cahique como piloto, e como tal fez a derrota, foi Francisco Domingues Machado, que então se achava no Funchal, e que já tinha feito uma viagem de Lisboa a Macáu, como practicante a bordo da galera Voadora, do negociante desta praça, J. Nunes da Silveira. Elrei D. João 6.º, então principe regente, premiou, por tão ousada e patriótica acção, a tripulação e officiaes do cahique, e entre elles o sobredito Machado com uma tença effectiva de 60:000 r.º por anno, por decreto de 21 de Julho de 1809, e do que se lhe expediu portaria em 27 do dito mez e anno, referendada pelo marquez [então conde] d'Aguiar; alem disto foi condecorado com o habito da Ordem de Christo, e teve a patente de 2.º tenente da Armada Real, de que ainda recebe soldo pelo thesouro publico do imperio do Brasil.

José Agostinho de Macedo cantou esta expedição no seu poemeto = O Novo Argonauta, = onde faz menção dos nomes dos que a compozeram.

 *A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis tendo visto a accitação que este Jornal tem merecido do Publico, determinou melhorar esta publicação ao começar o seu 4.º anno, distribuindo os exemplares depois de assetinados pela prensa hydraulica, dando maior numero de gravuras portuguezas, e inserindo a maior quantidade de artigos sobre as antiguidades e historia do nosso paiz e outros assumptos nacionaes, assim como sobre o imperio do Brasil; e as nossas colonias; e alem destes todos os que por interesse ou novidade forem dignos da attenção geral.*

*A Direcção annuncia aos S.ºs Assignantes actuaes desta capital que continuará no principio do anno futuro a mandar-lhe os N.ºs ás suas residencias, procedendo depois á cobrança por meio de recibos impressos assignados pelos Directores: aquelles S.ºs que não quizerem continuar terão a bondade de o declarar em tempo no Escriptorio desta Sociedade.*

*Os S.ºs Assignantes das provincias, nas terras onde não houver correspondentes da Sociedade, são avisados para renovarem com tempo (querendo) as suas assignaturas, enviando a importância pelo seguro do Correio Geral, franca de porte.*

*Os preços são:*

*Por anno, ou 52 N.ºs 1 \$ 200. rs.*

*Por semestre, ou 26 N.ºs \$ 640.*

*A Direcção annuncia que não receberá correspondencia que não venha franca de porte, excepto dos Correspondentes da Sociedade; por isso roga a estes S.ºs queiram pôr o seu nome no sobrescripto das cartas que enviarem á Direcção.*

**Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.**

**LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.**